



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

GILIARD DE SOUSA SILVA

**ABORDAGENS DA VARIAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA
NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

CAJAZEIRAS - PB

2019

GILIARD DE SOUSA SILVA

**ABORDAGENS DA VARIAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA
NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS - PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB – 15/046
Cajazeiras - Paraíba

S586a Silva, Giliard de Sousa.
Abordagens da variação histórica da língua portuguesa no livro didático do Ensino Fundamental II / Giliard de Sousa Silva. - Cajazeiras, 2019.
50f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa)
UFCG/CFP, 2019.

1. Língua portuguesa - história. 2. Língua portuguesa - formação. 3. Livro didático. 4. Variação histórica. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS CDU - 811.134(091)

GILIARD DE SOUSA SILVA

ABORDAGENS DA VARIAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO
LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

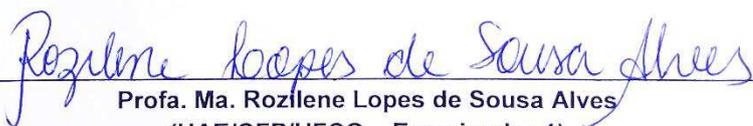
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Letras - Língua Portuguesa do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande – *Campus* de Cajazeiras, como
requisito parcial para obtenção do título
de Graduado em Letras.

Aprovado em: 11 / 12 / 2019

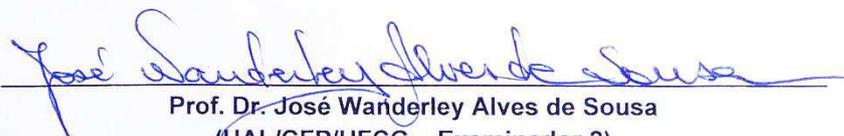
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG – Orientador)



Profa. Ma. Rozilene Lopes de Sousa Alves
(UAE/CFP/UFCG – Examinador 1)



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

À Debora Felinto, por ser minha
inspiração e fonte de coragem.

DEDICO!

AGRADECIMENTOS

Ao onipotente e esplêndido Deus, que iluminou meu caminho até aqui e não permitiu que eu desistisse em momento algum. E quando caí, Ele me ajudou a ficar de pé e mais forte.

À minha 1º mãe, Maria Marlene, que me ensinou de forma indireta desde pequeno a ser forte independente dos obstáculos. E com seu infinito amor, me ensinou a amar a vida.

À minha 2º mãe, Rita Lucas, que me ensinou o valor da família, do amor e do perdão. Com sua infinita paciência, me ensinou a ser solidário e nunca deixar de agradecer.

Ao meu pai, Geraldo Luís, que sempre me ensinou a dar valor aos estudos. Com sua personalidade, me influenciou que eu deverei ser um pai e homem melhor que ele.

Ao meu irmão gêmeo, Geraldo Júnior, por ser meu amigo e confidente. Por ter sido um dos poucos que me ouviu quando mais precisei. E por ser recíproco no que se refere a irmandade.

À minha irmã, Cidilene, que me ensinou a ser independente e a ser um homem melhor. Com sua personalidade, ensinou a mulher dentro de mim a não ser submissa e ao homem dentro de mim, a ser maduro.

À Kimbily e Gercica, por serem as melhores amigas que alguém poderia ter. Por, também, serem tão amáveis e continuarem sendo influências em minha vida. Elas me ensinaram a demonstrar meus sentimentos, sem receio de nada e melhoraram o homem e a pessoa que sou. Além disso, agradeço pelo abrigo quando mais precisei de um lugar para ficar. Amo vocês!

Aos meus amigos Kaikí, Julio Cezar e Rodrigues, pelos laços que criamos e pela nossa irmandade. Assim como, por serem meus objetivos de mudança e melhora.

Aos meus professores do Ensino Fundamental I e II e Médio, por terem sido minhas inspirações e pelos conselhos. Em especial, agradeço à Debora Felinto por sua paciência e por ter sido a engrenagem principal na minha escolha de curso e profissão.

Ao meu orientador, Abdoral Silva, por ter um coração tão bom e por ter sido tão paciente na produção deste trabalho. Sempre lembrarei de suas orientações.

À professora, Erlane, da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso por ter sido tão paciente e solidária.

À alguns mestres pela nobreza e modéstia no ensino, em especial à Dra. Fátima Maria Elias por ser minha musa inspiradora.

À uma das minhas melhores amigas; Jocilene, por ter sido um dos primeiros laços que criei quando iniciei a vida acadêmica e por me ensinar a amar um abraço.

Aos meus colegas e amigos da turma de Letras – Língua Portuguesa: Lenise, Leandro, Paula Raquel, Maria de Fátima, Maria Izabel, Sizanete, Emanuel Cândido, Eliziane e Maria das Graças, por me colocarem à prova diariamente. E por cada um servir de modelo na construção do meu caráter e da minha formação.

Aos meus amigos e colegas da turma de Letras – Língua Inglesa: Fáio Alencar, Larissa Lacerda, Paloma Alves e Robson Renan, por serem tão adoráveis e fascinantes.

Aos meus amigos do ônibus: Fernanda Herculano, Sabrina Fernandes, Karina Sousa, Filipe Nóbrega, Rafaela Porfírio, Fabrissio Matheus, Raumenya Laicy.

Aos meus antigos colegas de trabalho e amigos: Divanete Felix, Everaldo Ismael, Luana e Julio Vitor.

À Rosalina, Fabiana Nuccia e Maria do Bom Sucesso pelas conversas e por todos os conselhos.

RESUMO

É primordial o conhecimento sobre a História da Língua Portuguesa no que se refere ao ensinoaprendizagem da concepção da variação histórica apresentada em uma língua. Este trabalho objetiva analisar de que forma o livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental II aborda a variação histórica da Língua Portuguesa. A partir disso, evidenciar o processo histórico de formação da Língua Portuguesa e propor abordagens didáticas sobre a História da Língua Portuguesa aplicáveis no Ensino Fundamental II. Para tanto, utilizamos uma metodologia de cunho bibliográfico. A pesquisa realizou-se a partir dos estudos de Coutinho (2011), Assis (2011) e Bagno (2007). A partir da análise do Livro Didático, percebemos um enriquecimento de conhecimentos advindo dos estudos da origem da língua latina, passando pela chegada dos romanos à Península Ibérica. Esses estudos promovem uma discussão acerca das variações linguísticas que surgiram ao longo do tempo nessa língua, modificando-a. Diante disso, observa-se que se faz necessário a busca por outras fontes para o ensinoapredizagem, uma vez que a abordagem apresentada pelo Livro Didático é limitada.

Palavras-chaves: Língua Portuguesa. Variação Histórica. Livro didático.

ABSTRACT

Knowledge about the History of the Portuguese Language is essential in terms of teaching and learning the concept of historical variation presented in a language. This work aims to analyze how the textbook of the 6th year of Elementary School II addresses the historical variation of the Portuguese language. From this, evidence the historical process of formation of the Portuguese Language and propose didactic approaches on the History of the Portuguese Language applicable in Elementary School II. For this, we use a bibliographic methodology. The research was carried out from the studies of Coutinho (2011), Assis (2011) and Bagno (2007). From the analysis of the Didactic Book, we noticed an enrichment of knowledge arising from studies of the origin of the Latin language, including the arrival of the Romans in the Iberian Peninsula. These studies promote a discussion about the linguistic variations that have appeared over time in that language, modifying it. Given this, it is observed that it is necessary to search for other sources for teaching-learning, since the approach presented by the Didactic Book is limited..

Keywords: Portuguese language. Textbook. Historical variation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	-	Mapa da PI.....	15
Figura 2	-	Mapa da Hispânia.....	18
Figura 3	-	Mapa da reconquista.....	32
Figura 4	-	Capa do LD.....	38
Figura 5	-	Sumário: Unidades 1 e 2 do LD.....	39
Figura 6	-	Sumário: Unidade 3 do LD.....	39
Figura 7	-	Sumário: Unidade 4 do LD.....	40
Figura 8	-	Apresentação do Capítulo 2 do LD.....	41
Figura 9	-	A língua em foco / As variedades linguísticas.....	41
Figura 10	-	Questões apresentadas.....	42
Figura 11	-	Tipos de variação linguística.....	44
Quadro 1	-	Relatinização.....	24
Quadro 2	-	Clássicas formas divergentes em português.....	25
Quadro 3	-	Formas concorrentes.....	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	-	Antes de Cristo
d.C	-	Depois de Cristo
CFP	-	Centro de Formação de Professores
HLP	-	História da Língua Portuguesa
LD	-	Livro Didático
LP	-	Língua Portuguesa
PCN	-	Parâmetros Curriculares Nacionais
PI	-	Península Ibérica
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	-	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	-	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CONTEXTO HISTÓRICO DA LÍNGUA PORTUGUESA	12
1. 1 Latim clássico e latim vulgar.....	14
1. 2 Formação do Léxico Português	21
2. PROCESSO DE FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA	27
2.1 Os povos que habitavam a Península Ibérica.....	27
2.2 Domínio Árabe	30
2.3 Processo de reconquista	31
2. 4 O português no Brasil.....	33
3. ANÁLISE DAS ABORDAGENS DA VARIAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO LIVRO DIDÁTICO	37
3.1 O livro didático como objeto de ensino	37
3.2 Análise do livro didático do 6º Ano do Ensino Fundamental	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

O incentivo para a realização deste trabalho se deu através da percepção de algumas lacunas encontradas no Livro Didático (LD). A partir disso, surgiu os seguintes questionamentos: É possível compreender a variação histórica no 6º ano do Ensino Fundamental II com base na História da Língua Portuguesa (HLP)? Se sim, de que forma pode-se trabalhar? Com essas perguntas, faz-se necessário realizar estudos na HLP, bem como analisar o que o LD oferece em relação à variação histórica.

A partir dessa reflexão, percebe-se que é primordial o conhecimento sobre a HLP no que se refere ao ensino/aprendizagem da concepção da variação histórica apresentada em uma língua. Nessa perspectiva, algumas questões podem surgir na utilização do livro didático. Com enfoque nessas questões, este trabalho objetiva compreender a variação histórica a partir do conhecimento sobre a HLP. Para tanto, buscamos analisar o LD: *Português Linguagens*, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, da editora Saraiva, 2015, aplicado no 6º ano do ensino fundamental II. A partir da análise, desenvolver uma fundamentação que apresente o desenvolvimento da Língua Portuguesa (LP); verificar possíveis lacunas presentes no LD e elaborar atividades que possam contribuir no ensino/aprendizagem.

Diante disso, utilizamos uma metodologia de cunho bibliográfico. A pesquisa realizou-se a partir dos estudos de Coutinho (2011), Assis (2011) e Bagno (2007). Dessa forma, o trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo trata do *Contexto histórico da Língua Portuguesa*, apresentando sua origem. O segundo, aborda o seu *Processo de formação da Língua Portuguesa*, tratando da chegada dos romanos à Península Ibérica (PI) e da chegada dos Portugueses ao Brasil. O terceiro capítulo apresenta a análise sobre *O Livro Didático*, verificando sua abordagem com a variação histórica.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo, abordamos a HLP. Para tanto, levamos em consideração os estudos realizados por Assis. Além disso, trataremos de algumas características do latim vulgar em relação ao latim clássico.

Para início de conversa, há algumas particularidades do latim vulgar em relação ao latim clássico. No campo da fonética, as oposições de quantidade foram uma alteração importante. O latim clássico define-se pela presença de cinco vogais nas quais cada uma podia ser longa ou breve. Essa diferenciação fonológica estava associada a um contraste no significado das palavras como: *pōpulum* (ó breve) significava povo, enquanto *pōpulum* (ô longo) significava choupo; *luto* (u breve) significava lodo enquanto *luto* (u longo) significava lodo. No que se refere ao latim vulgar, a diferença na duração associou-se à de timbre no qual passou a ser distintivo, desaparecendo a diferença de duração na pronúncia das vogais.

Existia uma tendência para as vogais átonas caírem no latim vulgar, evitando o uso de palavras proparoxítonas, como ocorre nos exemplos a seguir: *conducere* (latim clássico) > *conducere* (latim vulgar) = conduzir (português); *alacrem* (latim clássico) > *alacrem* (latim vulgar) > alegre (português). Tratando-se do léxico, era feito o uso de vocábulos mais populares e afetivos com sufixos diminutivos. Em oposição, o latim clássico empregava a palavra *equus* (cavalo de montaria), no sentido de cavalo, o latim vulgar preferia utilizar *caballus* apresentando o mesmo sentido, apesar que originalmente essa palavra possuísse outra significação (cavalo de lavoura). Contudo, o português adotou a palavra cavalo do latim vulgar. Ainda sobre o latim vulgar; a preferência pelas palavras compostas permaneceu no português no lugar das palavras simples usadas no latim clássico:

Sobre o campo morfológico do latim clássico, caracterizava-se por um amplo sistema de flexão. Esse sistema pode ser caracterizado, a partir de suas terminações, da seguinte forma: na 1ª declinação, temos as palavras *rosa* e *rosæ*. Na 2ª declinação, temos os exemplos *lupus*, *lupi*; a 3ª declinação apresenta *ovis*, *ovis*; já a 4ª: *cantus*, *cantus*; por fim, a 5ª declinação exemplifica com *dies*, *diei*. Diante disso, no latim vulgar, essas declinações foram reduzidas em três por conta das semelhanças em algumas desinências como acontece entre a 1ª e 5ª, 2ª e 4ª.

No que se refere ao campo da sintaxe, as funções sintáticas eram divididas em seis casos a reconhecer: nominativo, correspondia ao sujeito e nome predicativo;

vocativo, genitivo, tratava-se do adjetivo restritivo; o acusativo, tinha a função de objeto direto; dativo, objeto indireto; ablativo, complemento circunstancial e agente da passiva.

Retomando o campo morfológico, o plural português tem origem do acusativo latino. Para tanto, tendo como marca de número a terminação em s. Isso porque, em qualquer declinação, o plural terminava em s nos nomes masculinos e femininos como: *rosas, amicos, amores, fructus, dies*.

Como já mencionado, houve uma redução nas declinações. Em consequência, o gênero neutro desapareceu. Assim, masculino e feminino passaram a ser indicados por o e a como em: *caelus* (céu), *vinus* (vinho), *fatus* (fato), do gênero neutro passaram para o masculino, enquanto *ligna* (linha), *opera* (obra) *milia* (milha), com tema em a passaram a feminino). Além disso, com base em Assis (2011), não tinha artigo no latim clássico. Em contrapartida, o latim vulgar apresentava pronomes demonstrativos e o numeral *unus* com o valor de determinativo (artigo definido e indefinido).

Diante o exposto, os comparativos e superlativos era formados a partir de sufixos. Isso ao mesmo em que o latim vulgar utilizava formas analíticas na formação dos graus dos adjetivos por meio de advérbios como *magis* (na PI e na Romênia) e *plus* (na Gália e na Itália) antepostos ao adjetivo. Porém, a forma passiva sintética do comparativo e superlativo do latim clássico desapareceu, fazendo surgir no latim vulgar a forma analítica ou composta.

Como resultado desses traços acima, o latim clássico era uma língua sintética, enquanto o latim vulgar era analítico. Muitas dessas características apresentadas foram herdadas nas línguas românicas.

Além de latim clássico e vulgar, havia outras modalidades do latim, como o baixo-latim, intermediário entre o clássico e o vulgar. Nessa variante foram escritos os trechos bíblicos e em que foi divulgada a doutrina cristã. A variante familiar era usada nas conversações e nas cartas das pessoas instruídas.

Nos próximos tópicos, ainda abordaremos a HLP, considerando a existência do latim. Isso será realizado a partir dos estudos do latim clássico e do latim vulgar com base em Coutinho (2011). Além disso, será apresentado a questão lexical do português. Trataremos também da história do Latim ao Português – brasileiro.

Na concepção de Coutinho (2011), linguagem é um conjunto de sinais utilizado pela humanidade para se comunicar. A linguagem constitui uma

característica do ser humano. Com isso, nas comunicações entre nações bárbaras e selvagens, percebe-se que a linguagem natural é bastante utilizada; enquanto os civilizadores a utilizavam de forma mais restrita. Nisso, a palavra era suficiente para a comunicação de pensamentos e de alguns sentimentos do coração humano.

1. 1 Latim clássico e latim vulgar

Com base em Coutinho (2011), no início existia simplesmente o latim. Em seguida, o idioma dos romanos se estiliza, modificando-se em um instrumento literário. Com isso, passa então a exibir duas particularidades que, com o decorrer do tempo, se tornam cada vez mais diferentes: o clássico e o vulgar. Não eram duas línguas distintas, mas duas particularidades da mesma língua. Diante disso, essas duas particularidades receberam dos romanos denominações de *sermo urbanus* e *sermo vulgaris*:

Cícero nos fala dessa dualidade de emprego do latim numa carta que escreveu ao seu amigo Paeto: “*Quid tui ego videor in epistulis? Nonne plebeio sermone agere tecum? ... causas aigmus subtilius, ornatius; epistulas vero cotidianis verbis texere solemus*” (1). “Que tal me achas nas cartas? Parece que uso contigo a *língua vulgar*, pois não é? ... Nos discursos aprimoro mais; nas cartas, porém teço as frases com *expressões cotidianas*” (CÍCERO *apud* COUTINHO, 2011, p. 29).

Partindo desse pressuposto, o latim clássico é dito como a língua escrita, na qual a imagem está devidamente formada nas obras dos escritores latinos. O latim clássico é caracterizado pela afinação do vocabulário, pela correção gramatical, pela nobreza do estilo: a *urbanitas*. Tratava-se de uma língua sintética, inflexível, imota. Dessa forma, não refletia a vida mutável do povo. Com isso, conseguiu permanecer, por um longo tempo, aproximadamente estável.

Do outro lado, ainda de acordo com Coutinho (2011), denomina-se de latim vulgar o latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana a princípio e, em seguida, por todo o Império Romano. Dentro destas classes, estava abarcada toda a imensa multidão de pessoas incultas que eram desafeiçoadas às criações de espírito, que não tinham preocupações, artísticas ou literárias, e que encaravam a vida pelo lado prático.

Vários povos (Figura 1), antes dos romanos, se fixaram na Península. Há uma facilidade em acompanhar o estabelecimento dos romanos na região, mas o mesmo não pode ser dito de períodos precedentes. Diante disso, Coutinho (2011, p. 46) descreve o seguinte:

Com efeito, é bastante confusa a história da Península antes da conquista romana. As investigações feitas através da arqueologia, etnologia e linguística levam-nos a concluir que dois povos primitivamente habitaram o solo peninsular: um *cântaro-pirenaico* e o outro *mediterrâneo*. Destes dois povos se teriam originado respectivamente o *basco* e o *ibero*. Coube a este último o papel mais importante na história da Península. É de seu nome que os historiadores gregos chamaram à região Ibéria.

Com isso, os turdelanos ou tarlêssios se estabeleceram no sul de Portugal e na baixa Andaluzia, que se acreditava que estavam ligados aos iberos, mas cuja relação não foi comprovada até hoje.

Além disso, há informações em Heródoto e na Bíblia sobre riquezas minerais do território. Com base nesse historiador, um rei dos tarlêssios concedeu aos focenes uma enorme quantidade de prata para construção de muros. Isso serviu-lhes durante algum tempo de defesa contra os ataques provenientes de Ciro. De acordo com a sagrada escritura, as embarcações de Salomão tinham destino até Tarsis (Tartessos). De lá, elas retornavam repletas de ouro, prata e marfim. Diante disso, os outros povos começaram a desejar essas riquezas. Conseqüentemente, *fenícios* e *gregos* se enfrentaram pela conquista da região. Como resultado, os gregos foram derrotados. Assim, suas colônias entraram em decadência, levando consigo a queda da própria Tartessos.

Diante disso, Coutinho (2011) revela, com o afastamento dos gregos, os fenícios se firmaram na costa meridional da Península, em meados de 1100 a.C., e instituíram *Gadir*, hoje Cádiz. Conseqüentemente, novas colônias fenícias foram fundadas em outros locais da costa, a exemplo Málaga e Abdera, hoje Abdra. Contudo, o fenício não era classificado como um povo colonizador. Isso porque eles não invadiam o interior das terras. Apenas viviam da navegação e do comércio. No momento em que o seu domínio marítimo se debilitou, as colônias foram entregues à própria sorte e não conseguiram manter a sua independência. Como resultado, desapareceram absorvidas pela ampla massa das populações indígenas.

Apesar disso, os gregos não abdicaram do empreendimento. No sul, estabeleceram-se e fundaram favoráveis feitorias, das quais são remanescentes Alicante (*Lucentum*), Denia (*Hemeroscopion*), Rosas (*Rhodes*) e Ampúrias (*Emporion*). Dessa forma o contato das duas civilizações foi benéfico ao povo da Península, que usufruiu da experiência de amos para o progresso de sua arte, que foi deveras notável.

Partindo dessa concepção, com base em Coutinho (2011), durante o século V a.C. ocorreu a inserção dos *celtas*, pertencentes à grande família árica que provinham do sul da Alemanha e se apropriaram do território da Gália. Assim, fixaram-se na Galécia e nas regiões altas do centro de Portugal. Há possibilidade de terem chegado até o sul deste país. Porém, percebe-se que esta não foi a única invasão realizada pelos celtas na região da Península. Acredita-se, com abundante perspectiva, que outra invasão aconteceu no século III a.C. A dominação céltica não se fez de forma pacífica. Isso se deve à prática de viverem em cidadelas fortificadas. A convivência de celtas e *iberos* no solo hispânico teve como resultado a sua união, de que se tornou um grupo importante de povos conhecidos pelos antigos como celtiberos.

Dessa forma, a interferência fenícia teria sido extinta da região peninsular, se não fosse trazida pelo cartaginês, da mesma raça, e que falava um dialeto fenício chamado púnico. Partindo desse pressuposto, Roma não apreciava com bons olhos o progresso estarrecedor de Cartago. O grande poder adquirido por ela, seja no mar ou em terra, ali, proximidade ao Lácio, na costa africana, trazia-se em incessante sobressalto de vir um dia a despossar a desejada coroa do Mediterrâneo. Com a guerra declarada, a vitória ficou com as legiões romanas. Assim, a Hispânia se tornou vassala de Roma.

Apesar dos romanos terem invadido a Península no século III a.C., a sua inserção, enquanto província, só aconteceu no ano de 197 a.C. Os lusitanos do sul estiveram com os romanos em luta desde o ano de 193 a.C. Com isso, no ano de 25 a.C., toda a faixa ocidental da Ibéria já estava toda tomada. Partindo dessa inferência, pode-se diferenciar duas épocas principais na história da romanização da Ibéria. A primeira apresenta-se a partir das guerras púnicas, no tempo da República, até a instalação do Império. Trata-se de uma fase predominantemente guerreira. A segunda, inicia-se com o surgimento de Augusto e inclui todo o período imperial. Essa, por sua vez, refere-se a uma fase pacífica.

No período de Augusto, a Península foi fragmentada em três províncias: a Tarraconense, a Bética e a Lusitânia. Ainda que o território abrangido por esta não correspondesse com o atual da nação portuguesa, isso aconteceria depois. Antecede a manifestação que se observa, por parte do poder público, para dividir os destinos da faixa ocidental da Europa, na qual se constituiu em seguida Portugal, do resto da Hispânia.

Figura 2 - Mapa da Hispânia



Fonte: Google (2019)²

Assim, o feito de fusão, que se percebe, durante a segunda época, se manifestaria com dificuldade. Isso, se não fosse a semelhança linguística existente entre o latim e o celta. Ela iniciou-se a partir das cidades ou centros mais povoados, chegando às aldeias e finalmente aos campos. Nas palavras de Coutinho (2011, p.48-49), temos:

Os peninsulares habituaram-se com a visão de um povo mais forte e civilizado em relação aos conquistadores. Após uma resistência que foi rompida pela coragem e pela permanência dos soldados romanos, os peninsulares adotaram a língua e as regras dos vitoriosos. Essa consequência pode ser chamada de romanizaram-se. Porém, mesmo com a adoção da língua dos vencedores, houve um povo da Península que não aceitou o latim como língua. Previamente, continuou a falar o próprio idioma: o *basco*. Percebe-se uma resistência por parte de um povo

² Disponível em: <https://www.google.com/search?q=mapa+hispania+ulterior+e+citerior&tbm>. Acesso em: 3 out. 2019.

da Península. Apesar disso, ainda segundo Coutinho (2011), se faz necessário distinguir que não houve imposição dos vencedores. O latim foi levado pelos legionários, colonos, comerciantes e funcionários públicos romanos. Dessa maneira, ele foi determinado através da força das próprias circunstâncias. Isso porque tinha o prestígio de língua oficial, servia de veículo a uma cultura superior e era o idioma da escola.

Como foi dito anteriormente, o latim estabeleceu-se através de algumas circunstâncias. Isso porque tinha um prestígio enquanto língua oficial. A seguir, será apresentada, com base em Coutinho (2011, p. 49), outra situação:

Para a romanização das populações nativas, concorrem poderosamente vários fatores. Assim, o recrutamento militar dos jovens provincianos que, depois de prestado o serviço ao exército, volviam ao seio da família; o excelente sistema rodoviário romano, que permitia fácil intercâmbio com a metrópole; o direito de cidadania concedido às urbes hispânicas pelos imperadores, por último, o cristianismo pregado pelos padres num latim mais acessível, o qual fez desaparecer as diferenças sociais, unindo a todos, aristocratas e plebeus, romanos e estrangeiros, no mesmo ideal de amor e fraternidade.

Assim, vários fatores foram fundamentais para a romanização das populações nativas como o retorno dos jovens militares para suas famílias; o direito de cidadania conferido às urbes; a pregação realizada pelos padres num latim alcançável por todos os aristocratas, plebeus, romanos e estrangeiros. Consequentemente, esses fatores fizeram as diferenças sociais desaparecerem.

No que se refere à Portugal, Coutinho (2011, p. 50) diz o seguinte:

Com relação a Portugal, diz Leite de Vasconcelos que são abundantes tais obras e monumentos: “em Bracara, um templo fontanário e inscrições latinas; em *Conímbriga* (Condeixa) muralhas, mosaicos e esculturas; em *Collipo* (Leiria), *tamém* mosaicos, um deles conservado no Museu Etnológico..., outro levado para fora de Portugal; em *Scállabis* (Santarém), esculturas e inscrições; em *Olisippo*, notícia de um teatro e de duas termas; em *Ébora*, um belo templo, que é um dos monumentos mais notáveis da Península naquela época, um arco, e muitíssimos objetos no Museu Eborense; em *Pax Julia* (Beja), outro arco, e além disso capitéis, cerâmica, inscrições no Museu Municipal; em *Ossonoba* (Faro), umas notáveis termas que o vandalismo dos visitantes vai porém destruindo; em *Balsa* (Tavira), esculturas, lápides epigráficas, cerâmica, vidros e bronze”.

Isso tudo para testemunhar a romanização da PI em obras e monumentos valiosos, levados a efeito pelos romanos no solo conquistado. Dessa forma, demonstrando o seu esforço no que se refere à civilização do povo vencido.

Os gramáticos latinos nos apresentam o relato que o latim que se vulgarizou no território ibérico era do povo inculto. Esse latim era denominado *sermos vulgaris*, *plebeius* ou *rusticus*. Isso posto, uma língua falada não pode ficar imutável, tendo em vista que ela é um objeto diário e comunicação entre um povo que habita um vasto solo. Assim, ela pode sofrer várias mudanças que são rápidas e influenciadas pelas condições ambientes.

Isso aconteceu com o latim falado pelo povo. Quando foi transferido para Hispânia, rapidamente transfigurou-se na fala dos habitantes da terra. E o seu progresso já ia se implementando normalmente, no momento em que elementos desconhecidos o vieram perturbar. Para que isso acontecesse, os *bárbaros* invadiram a Península durante o século V. Eles eram de origem germânica e estavam localizados nas costas do Báltico, com exceção dos *alanos*, vindos do oriente, que concretizaram pouca influência. Apresentavam várias nações, nas quais cada uma tinha o seu dialeto específico: vândalos, suevos, visigodos.

Os vândalos foram os primeiros a chegar ao território ibérico, que se firmaram na Galécia e na Bética, que ficou denominada de Andaluzia. Foram convidados por Bonifácio, rebelado contra o poder imperial, e moveram-se à África, onde instituíram uma ampla monarquia, sob o comando de Genserico, que prosperou durante um século. Em seguida dos vândalos, vieram os suevos, que se firmaram na Galécia e na Lusitânia. Este povo bárbaro merece atenção particular na história da nossa língua. Isso por habitar a região que posteriormente floresceu a nação portuguesa. Sucessivamente, apareceram os *visigodos* ou *godos* do ocidente que eram comandados por Ataulfo. Eles assimilaram os suevos (século VI) e construíram o reino bárbaro mais forte e duradouro na região aquém-pirenaica, elegendo Toledo para ser a capital (COUTINHO, 2011). No próximo capítulo, os povos que habitaram a Península serão apresentados. Antes disso, o próximo tópico abordará como se deu a formação do Português.

1. 2 Formação do Léxico Português

Com base em tudo que foi apresentado no tópico anterior, partiremos para o léxico da LP. Na concepção de Bagno (2007, p. 50) temos o seguinte:

Evidentemente, por ser o português uma língua românica, seu léxico é na essência de origem latina, de modo que o latim constitui o estrato principal do seu vocabulário. Como substrato, temos as contribuições das línguas faladas naquela região antes da chegada dos romanos, faladas por populações de origem variada que adotaram o latim. Como superstrato, temos as contribuições das línguas faladas por populações que advieram séculos depois da conquista romana (germânicos e árabes), populações que não impuseram sua língua aos povos conquistados, mas ou adotaram o romance ali falado (caso dos germânicos) ou formaram uma cultura em que as duas línguas conviviam lado a lado (caso dos árabes).

Por substrato, entende-se que seja a influência da língua de um povo vencedor sob outro. O superstrato está relacionado com as marcas deixadas da língua do povo vencido. Diante disso, no léxico da língua portuguesa há a influência deixada pelos romanos, bem como os germânicos e árabes. Isso deve-se ao desenvolvimento histórico que percorreu a região que estabelece Portugal. Esse desenvolvimento está refletido na composição heterogênea do seu léxico. Tratando do léxico, faz-se necessário compreender a distinção entre as palavras hereditárias e as palavras de empréstimos. As primeiras são compostas por palavras de origem latina e pelas contribuições pré-românicas e pós-românicas que convergiram para a formação da especificidade ibérica do latim.

Tratando-se das palavras hereditárias, no que se refere ao substrato ibérico, há uma contribuição encontrada na língua pelos romanos que pode ser representada por vocábulos de origem do basco como: abarca, abóbora, arroio, áscua, baía, balsa, barro, bezerro, bizarro, cama, esquerdo, garra, louça, manteiga, manto, modorra, páramo, sapo, sarna, seara, veiga. Quanto ao substrato céltico, temos o seguinte segundo Bagno (2007, p. 51),:

A rigor, a contribuição céltica de substrato na Península Ibérica é menos significativa do que se poderia supor, já que muitos dos vocábulos tidos em português como de origem céltica já tinham se infiltrado no latim por volta do século IV a.C., durante as lutas travadas pelos romanos contra os gauleses do norte da Itália e da França atual. Entretanto, antes da ocupação romana, a Galiza e o

norte de Portugal tinham se convertido em centros de cultura céltica e, por isso, é natural que palavras oriundas dessas línguas contribuíssem para a formação do léxico português: *bico, bragas, brio, cabana, caminho, camisa, carpinteiro, carro, cerveja, cheda, duna, gato, lança, légua, peça, touca, trado, vidoeiro, vassalo* etc. Segundo alguns autores, diversos topônimos portugueses têm origem céltica: *Braga, Viseu, Ilhavo, Olisipo (< Lisboa), Conimbriga (< Coimbra), Lacóbriga (< Lagos), Vouga, Zêzere, Tâmega, Tejo*. O próprio nome *Portugal* teria origem céltica: *Portu Cale*, em que o elemento *Cale* significaria “porto” em alguma língua céltica (com isso, o nome seria formado duas vezes pela palavra “porto”). *Portu Cale* era o nome dado à cidade do Porto, a mais importante até hoje no norte de Portugal, nome que se estendeu para o resto do país.

Nesse ponto, percebe-se que é natural compreender que algumas palavras contribuíssem para o léxico português. Isso se deve a origem de algumas palavras provindas de alguns vocábulos célticos que se infiltraram no latim durante o século V. Isso aconteceu por conta das lutas travadas entre os romanos e os gauleses, bem como da conversão de Galiza com o norte de Portugal em centros de cultura céltica. O mesmo aconteceu com o superstrato germânico. Podemos compreender isso com a afirmação seguinte de Bagno (2007, p. 51):

Tal como ocorreu com o substrato céltico, muitos vocábulos de origem germânica que constam do léxico português já tinham sido incorporados ao léxico latino muito antes da chegada dos romanos à Península. Palavras como *arenga, bando, carpa, coifa, burgo, sabão* etc. entraram no português por meio do latim. A partir do século V, com a conquista da Península por suevos, vândalos e visigodos, é que novas palavras de origem germânica (predominantemente visigótica) se instalarão na língua portuguesa cotidiana. São em geral palavras vinculadas à arte militar ou designativas de usos e costumes próprios dos povos germânicos: *acha, arauto, agasalho, albergue, anca, aspa, barão, banco, brasa, dardo, esgarbo, elmo, estaca, espora, estribo, feudo, feltro, ganso, garbo, galardão, grupo, guerra, guia, lata, marco, ganso, saga, trégua* etc. Também os nomes dos pontos cardeais têm origem germânica: *norte, sul, leste, oeste*.

Diferente do substrato céltico, que era considerado pouco significativo, o superstrato germânico é relevante porque sua contribuição no léxico português se ampliou a adjetivos. Ainda há o superstrato árabe que contribuiu com palavras relacionadas às plantas e levou a preposição até ao léxico português.

Quanto às palavras de empréstimos, alguns vocábulos entram na língua a partir de uma adaptação às normas do português. Isso pode ser reconhecido na subsequente afirmação de Bagno (2007, p. 52):

[...] nas palavras de empréstimo. Estas entram na língua ligeiramente adaptadas às normas do português (o que se chama aportuguesamento) no tocante à ortografia (abaju, toalete, bife) e no que se refere a terminações desconhecidas na língua (chefe, bonde, filme). No entanto, elas se apresentam como elementos que não se amoldam aos hábitos fonéticos da língua. Como exemplo, citemos a palavra ópera, tomada de empréstimo ao italiano, que conserva a acentuação proparoxítona, a surda intervocálica /p/ e a vogal postônica /e/, ao contrário da palavra portuguesa obra, que provém do mesmo étimo latino (opera).

Isso ocorre, por conta de vários fatores históricos e culturais, de acordo com “o contato entre povos e línguas, a importação de modelos culturais considerados superiores, a expansão colonial etc.” (p. 52). Há alguns empréstimos consideráveis presentes no léxico português oriundos do provençal, do espanhol, de línguas asiáticas, do francês, do inglês e do alemão. Entretanto, devido às circunstâncias geopolíticas, o inglês é a língua que mais empresta palavras.

Ainda há o latinismo no qual ocorre a criação de novos vocábulos a partir do latim. Nesse procedimento, os gramáticos e intelectuais portugueses exploraram às obras de grandes escritores romanos. Delas, alguns termos foram concedidos para LP, trazendo um ar clássico. Percebe-se isso na seguinte afirmação de Bagno (2007, p. 53):

No período renascentista, que em Portugal se inicia no século XVI, ocorreu um grande movimento intelectual, promovido pelos primeiros gramáticos da língua e pelos literatos de maior renome, que recebe o nome de relatinização. Embora o recurso às fontes latinas originais já se registrasse no período medieval, é no Renascimento que chegará ao auge o processo de criação de novos vocábulos alatinados, até então inexistentes no léxico da língua. Os gramáticos e intelectuais portugueses, no empenho de criar uma língua de cultura erudita capaz de transmitir os novos valores humanistas, filosóficos e científicos, e de ser veículo de uma literatura requintada, recorreram à obra dos grandes escritores romanos, de onde tomaram emprestados muitos termos com os quais esperavam conferir à língua portuguesa uma feição clássica. Não por acaso, é também deste período que datam as primeiras gramáticas da língua portuguesa, sendo a pioneira delas a de Fernão de Oliveira, de 1536.

Esse movimento de relatinização foi concebido através de duas atividades: introdução de novos vocábulos e recondução de vocábulos antigos aos novos. Essa concepção pode ser exemplificada com da seguinte maneira:

Quadro 1 – Relatinização

FORMA TRADICIONAL	FORMA RELATINIZADA
avondança	abundância
coa	cauda
esmar	estimar
frol	flor
goivo	gáudio
fremoso	formoso
letradura	literatura
marteiro	martírio
obridar	olvidar
chantar	plantar
seenço	silêncio

Fonte: Bagno (2007, p. 54).

Esses vocábulo constituem empréstimos. Isso, visto que não obedeceram aos padrões da mudança linguística que afetaram as palavras de base hereditária do léxico da língua. Em oposição, como no caso da recondução, as formas provenientes dos processos regulares de mudança foram deixadas em favor de formas mais próximas aos vocábulo de origem latina.

Diante do exposto, há duas formas: convergentes e divergentes. As formas convergentes são vocábulo que, em português, indicam forma idêntica, mas étimos distintos. Essas formas derivam de processos regulares de evolução fonética. Isso de acordo com a afirmação de Bagno (2007, p. 54):

como no caso da forma *fiar* que corresponde à transformação de *filare* (“tecer”) e de *fidare* (“confiar”), em que ocorreu a síncope da consoante sonora intervocálica. Também podem se originar formas convergentes por meio da entrada, no léxico, de empréstimos recentes. É o caso, por exemplo, de *manga* (“fruta”), provinda do *malaio*, e de *manga* (“parte do vestuário”), provinda do latim *mánica*.

No que se refere às formas divergentes, com base no autor, são aquelas que se originam de um étimo comum que se desenvolveu em mais de uma palavra na formação do léxico português. Considera-se um fenômeno de significativo para o estudo da língua do que o da convergência de formas. Para tanto, temos os seguintes exemplo:

Quadro 2 - Clássicos de formas divergentes em português

ÉTIMO LATINO	PORTUGUÊS
arbitriu	alvitre alvedrio
articulu	artigo artelho
capitale	cabedal caudal
clavicula	cravelha chavela
cubitu	coto côvado
defensa	defesa devesa
despoliare	despojar desbulhar debulhar
legitimu	lídimo lindo
macula	mágoa malha mancha mangra
plaga	chaga praga
regula	régua regra relha
teneru	terno tenro
vinculu	vinco brinco

Fonte: Bagno (2007, p. 54).

Percebe-se no quadro anterior que algumas palavras não foram incluídas como formas divergentes. Isso de acordo com a afirmação de Bagno (2007, p. 55):

As palavras arbítrio, capital, clavícula, cúbito, legítimo, mácula, plaga, vínculo. Isso se deve ao fato de tais palavras terem entrado no léxico da língua durante a fase da relatinização, mencionada acima, e não constituírem, portanto, parte do patrimônio lexical hereditário do idioma. De fato, trata-se, como já vimos, de empréstimos tão refratários às tendências regulares de mudança da língua quanto as palavras advindas de outras línguas que não a latina. Aí se encontra a origem do fenômeno conhecido como divergência entre palavras de formação popular e de formação erudita.

Partindo dessa afirmativa, as palavras de formação popular são os vocábulos que passaram por transformações regulares observadas no decorrer da evolução do idioma. Por outro lado, as palavras de formação erudita foram inseridas conscientemente no léxico através do envolvimento de intelectuais, escritores, filósofos e, mais recentemente, cientistas com o intuito de prover a língua de vocábulos técnicos, literários, eruditos etc.

Tratando-se da história do léxico português, muitas vezes percebemos que as tentativas de recondução erudita não tiveram êxito total na substituição de uma palavra pela outra. Dessa forma, foi realizada a convivência de formas concorrentes, uma de origem (e portanto de uso) popular, mais frequente, e outra de origem (e portanto de uso) erudito, menos frequente (BAGNO, 2007, p. 56):

Quadro 3 – Formas concorrentes

LATIM	PORTUGUÊS			
	FORMAÇÃO ERUDITA	DATAÇÃO	FORMAÇÃO POPULAR	DATAÇÃO
dígitu-	dígito	1532	dedo	s. XIII
duplu-	duplo	1651	dobro	1277
frígidu-	frígido	1542	frio	1101
mácula-	mácula	1589	malha	s. XIII
másculu-	másculo	1687	macho	s. XIII
matéria-	matéria	s. XIV	madeira	1269
óculu-	óculo	1649	olho	s. XIII
plaga-	plaga	s. XIV	chaga	1297
planu-	plano	s. XIV	chão	1261
rígidu-	rígido	1572	rijo	s. XIII

Fonte: Bagno (2007, p. 56).

Percebe-se que as palavras consideradas de formação erudita apresentam-se de forma mais recente na língua. Além disso, possuem uma forma similar à do étimo latino. Isso deve-se ao processo de relatinização da gramática e do vocabulário da língua, verificado no período renascentista. Em contrapartida, as palavras de formação popular concordam com as tendências de mudança inerentes à língua e são de uso incomparavelmente muito mais frequente, corriqueiro.

No próximo capítulo, trataremos do processo de formação da LP. Para tanto, abordaremos uma relação histórica sobre os povos que habitavam a PI.

2. PROCESSO DE FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Inicialmente, neste capítulo, abordamos os estudos das origens à formação do Galego-Português com base em Maria Cristina (2011). Para tanto, levou-se em consideração a queda do Império romano, o domínio árabe e o processo de reconquista.

A LP relaciona-se com o grupo das línguas românicas, também chamadas de neolatinas, consequência das mudanças que aconteceram no latim vulgar levado à PI. Historicamente, o latim nasceu na Itália, numa região chamada Lácio, pequeno distrito à margem do rio Tibre e foi levado ao território ibérico pelas legiões romanas. O próximo tópico apresentará como ocorreu as transformações no latim vulgar.

2.1 Os povos que habitavam a Península Ibérica

Antecedendo a instalação do domínio romano, havia um grande número de povos na Península. Eles apresentavam língua e cultura bastante variadas. Havia duas classes de população: a Ibérica, mais antiga, e os Celtas, mais recentes. Os Celtas possuíam o seu centro de expansão nas Gálias. As línguas pré-romanas conservaram-se insuficientemente. Demais povos fixaram-se na PI: iberos, celtas, fenícios, gregos e cartagineses.

Com início no século VIII a.C., os povos célticos invadiram a PI. O domínio céltico não foi pacífico, mas sua influência subsistiu até a conquista romana. Com o decorrer do tempo, houve uma combinação entre os Celtas e os Iberos, originando os povos chamados de celtiberos. Posteriormente, em vários pontos da PI, os fenícios, os gregos e os cartagineses formaram colônias comerciais. Partindo desse pressuposto, os cartagineses pretendiam apropriar-se da região peninsular. Para evitar isso, os celtiberos clamaram pelos romanos. Em consequência, o território foi invadido pelos romanos no século III a.C., objetivando impedir a expansão dos cartagineses.

Em decorrência das lutas entre os romanos e os cartagineses, chamadas de Guerras Púnicas, a PI ficou controlada por Roma. Apesar da invasão ter acontecido em meados do século III a.C., a inserção enquanto província ocorreu apenas em 197 a.C. Para tanto, temos a seguinte afirmação de Assis (2011, p. 115-116):

Entre os habitantes da península, os lusitanos, povo de origem céltica chefiados por Viriato, resistiram aos romanos. Depois do seu assassinato (cerca 140 AC), Decius Junius Brutus pôde marchar para o norte, através do centro de Portugal, atravessou o rio Douro e subjugou a Galiza. Os celtiberos terminaram adotando a língua e os costumes dos romanos. Os romanos encontraram a Península muito desunida, pois, além da variedade étnica, a difícil estrutura geográfica contribuía para a fragmentação. São de origem celtibérica: camisa, saia, cabana (*cappana*), cerveja (*cerevisia*), lègua (*leuca*), carro (*carrus*), manteiga (*mantica*), gato (*cattus*) etc

Diante disso, percebe-se como se deu a adoção da língua dos romanos. Apesar disso, romanos se depararam com uma Península fragmentada geograficamente. Além disso, enfrentaram uma variedade étnica.

Os romanos estabeleceram de forma habilidosa a sua civilização na PI, transformando minimamente os territórios que encontravam. Depois, organizaram o comércio e o serviço de correio; instauraram o serviço militar e construíram escolas. O latim foi imposto como idioma oficial na comercialização, nos atos oficiais, e passou a servir de canal a uma cultura mais desenvolvida. Assim, a língua e os costumes romanos foram compreendidos de forma avançada. Dessa maneira, a PI chegou ao século V d.C. pertencendo politicamente ao Império Romano e linguisticamente falando o latim.

Diante disso, o território ocupado pelos romanos era constituído de diversas províncias como a Hispânia, a Gália, a Itália e a Dácia. Todas elas estavam incorporadas na repartição imperial até o século V d.C., durante o auge do Império Romano. Com a influência do Latim Vulgar, que estava sendo utilizado em diversas regiões conquistadas pelos romanos, as línguas nativas dos primitivos habitantes desapareceram na PI. Em contrapartida, o Latim Vulgar passou a sofrer convergência dos substratos céltico, ibérico e ligúrico.

O processo de extensão da língua e da civilização romana foi determinado por fatores distintos, como o prestígio de Roma e a difusão das tribos. Esse período pode ser dividido em três fases: um momento inicial de expectativa, no qual as diferentes culturas se confrontam; uma fase intermediária de marginalidade, na qual há participação nas duas culturas, chamada fase de bilinguismo; por último, o triunfo da cultura romana, no qual acontece a romanização.

O fator decisivo para a formação da língua portuguesa, com base em Assis (2011), foi a inserção do Latim na PI que deu-se no século II a.C. Isso quando as

legiões de Roma, após extensas lutas, dominaram a Hispânia. Com exceção dos bascos, a maioria dos povos da Península adotou o latim como língua. Conseqüentemente, houve uma divisão no território da PI (século I a.C.) em duas grandes províncias: Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior. Sucedendo outra divisão nesta última em duas outras províncias: a Bética e a Lusitânia, na qual estendia uma antiga província romana, a Gallaecia. Apesar disso, o processo de extensão romana da Península não se deu de maneira regular, mas progressivamente. Dessa forma, o latim foi-se impondo. Em consequência, as línguas nativas foram desaparecendo. Havendo vestígios somente na área do vocabulário.

Em decorrência, a PI ficou totalmente latinizada (no século I d.C.) com a queda do Império Romano. Nessa mistura étnica, o latim apresentava formas particulares, composto de elementos celtas e ibéricos, basicamente no vocabulário. Há poucas marcas da língua ibérica no vocabulário português como: bezerro, esquerdo, sarna, cama, arroio, baía, além dos sufixos -arra, -erro, -orro, -urro. A influência céltica é maior na fonética do que no vocabulário: brio, bico, casa, légua, raio, touca e os topônimos Bragança, Coimbra (*Conimbriga*).

Tratando-se dos vocábulos, na concepção de Assis (2011), há uma divisão em quatro grupos: palavras que antecederam a época dos romanos, palavras de origem medieval, palavras implementadas pela chegada do Cristianismo e as palavras incorporadas pela ciência e pela tecnologia. Para tanto, Assis (p. 117), temos o seguinte:

Os vocábulos gregos podem ser divididos em quatro grupos, de acordo com o ingresso ao léxico português: palavras da época anterior aos romanos, na colonização grega (perderam-se ou se confundiram com as latinas): bolsa, cara, cola, governar; palavras que ingressaram no vocabulário, possivelmente incorporadas ao léxico latino, com o advento do Cristianismo: anjo, apóstolo, bíblia, crisma, diabo; palavras transmitidas através do árabe, como acelga, alambique, quilate, alcaparra; palavras de origem medieval, que ingressaram por intermédio das línguas românicas, como esmeralda (provençal), monge (provençal), esmeril, farol, guitarra e finalmente, palavras que, a partir do século XVI, incorporaram-se ao idioma através da Ciência e da Tecnologia: telefone, fonema, homeopatia, microscópio. A contribuição de vocábulos fenícios ao vocabulário português é mínima: saco (fenícia), mapa, malha, (púnico).

Há uma divisão dos vocábulos gregos em quatro grupos a reconhecer: as palavras anteriores à época dos romanos, as palavras inseridas a partir do

Cristianismo, outras transmitidas a partir do árabe e incluídas pela Ciência. Partindo desse pressuposto, o próximo tópico apresentará como se deu o domínio Árabe.

2.2 Domínio Árabe

No momento de invasão dos bárbaros germânicos na PI, no século V, o latim á estava muito transformado. Os suevos e os vândalos foram os primeiros a chegar. Seguidamente vieram os visigodos e os alanos. Outros povos bárbaros, fugindo dos hunos, espalharam-se por todo o Império Romano como: burgundos, francos, saxões, alamanos, longobardos, normandos. Os suevos e os visigodos instauraram-se na Península: os suevos implantaram-se com resistência aos visigodos. Dessa forma, fundaram um vasto reino e contribuíram para a ruína do Império romano, provocando a diversificação do latim falado. Isso tudo com base na afirmativa a seguir (ASSIS, 2011, p. 117-118):

Em 570, o reino suevo reduziu-se à Gallecia a aos bispados lusitanos de Viseu e Conimbriga (*Coimbra*); os visigodos conquistaram e incorporaram o território a partir de 585 até 711. Além disso, contribuíram a dissolução do império romano e provocaram a diversificação do latim falado (o escrito permaneceu como língua de cultura). Com o domínio visigótico, a unidade romana rompeu-se totalmente. Por outro lado, os visigodos romanizaram-se, ou seja, fundiram-se com a população românica, adotaram o cristianismo como religião e assimilaram o latim vulgar. Rodrigo, o último rei godo, lutou até 711 contra a invasão árabe, defendendo a religião cristã, tendo como língua o latim vulgar na sua feição hispano-românica. Algumas contribuições das línguas dos bárbaros: guerra (*wuerra*), elmo (*helms*), espora (*spaura*), loja (*laubja*), trégua (*triggwa*), fresco (*frisk*), branco (*blank*) etc.

Durante o séc. VIII d.C., com uma invasão à Europa, vindos do Norte da África, pelo estreito de Gibraltar, ocorreu o domínio árabe na península. Era um povo de cultura, raça, costumes e religião distintos dos peninsulares. Os mouros, como também eram chamados, não conseguiram impor-se aos povos subjugados, tampouco absorveram a cultura cristã. Do ponto de vista cultural, pode-se dizer que houve tolerância entre mouros e moçárabes, mas nenhuma integração (ASSIS, 2011). Com isso, a Península teve um impulso de desenvolvimento nos ramos da ciência, das artes e das letras: filosofia, medicina, matemática, história, agricultura, comércio e indústria.

Consequentemente, o árabe passa a ser adotado como uma língua oficial nas regiões conquistadas. Porém, o romance continuou sendo falado pela população. Apesar disso, o latim manteve-se como língua oficial. Dito isso, compreende-se que existem as seguintes contribuições árabes ao vocabulário português atual como: arroz, alface, alicate, adaga, alferes, alazão, corcel, aldeia, alcova, azulejo, almofada, açude, alcachofra, algodão, azeite, açúcar, alfândega, alfinete, alface, arroz, cuscuz, algarismo, álgebra, zero, alcaide, alvará, almoxarife, refém e inúmeras outras.

Com o reinado dos reis católicos da Espanha, Fernando e Isabel, encerra-se o período de dominação dos árabes. Esse período teve importância no desencadeamento da formação de Portugal como Estado monárquico, bem como a definição do território português.

2.3 Processo de reconquista

No norte da Península, os cristãos levantaram castelos que deram origem ao reino de “Castilla”, ou terra dos castelos. Em Alcama, nas Astúrias, os árabes foram derrotados pelo rei visigodo, Pelágio. Dessa forma, foi dado o início à Reconquista, no ano de 718. Esse movimento foi alastrando-se para o sul por conta das cruzadas – lutas nas quais os mouros, os muçulmanos, foram expulsos da PI –, com a recuperação dos territórios perdidos, originaram-se os reinos de Leão, Castela e Aragão. Assim, os Muçulmanos e cristãos desencadeiam uma guerra religiosa durante sete séculos de ocupação. (711 a 1492). Os moçárabes viviam nas regiões governadas pelos árabes. Consequentemente, receberam maior influência dos árabes na linguagem e nos costumes, com exceção da religião, pois continuavam cristãos.

Figura 3 - Mapa da reconquista



Fonte: Google (2019)³.

Com o objetivo de libertar o território ibérico, nobres de distintas regiões participaram da guerra santa. Dentre eles, dois nobres franceses, D. Raimundo e D. Henrique, conde de Borgonha, descendentes dos reis da França, destacaram-se nessas lutas. Como recompensa pelos serviços realizados na conquista, D. Afonso VI, rei de Leão e Castela nomeou D. Raimundo governador do condado da Galiza e ofereceu-lhe em casamento a filha D. Urraca. Para D. Henrique, deu o governo do Condado Portucalense, território desmembrado da Galiza, junto ao rio Douro, do qual era dependente, e a mão da outra filha, D. *Tareja* (Teresa). Deste casamento, tiveram quatro filhos, dos quais apenas um era varão, chamado Afonso Henriques, que haveria de ser o fundador e o primeiro rei de Portugal (ASSIS, 2011).

Novas terras eram reconquistadas conforme as batalhas aconteciam. Além disso, mais a sul os grupos populacionais do norte foram-se estabelecendo. Em consequência, acarretou o surgimento do território português. Da mesma forma, na região central e leste da Península, os leoneses e os castelhanos prosseguiram para o sul, onde ocuparam as terras que eram dominadas pelos árabes. Mais tarde, essas terras viriam a se tornar território do Estado espanhol .

Como apresentado previamente, a LP é o próprio latim diversificado de suas origens, o que significa dizer que é uma língua neolatina. Inicialmente o latim era uma língua tosca e rude, mas foi, gradativamente, absorvendo os demais falares

³ Disponível em: <http://eugostodehistoria2.blogspot.com/2015/03/os-reinos-cristaos-na-peninsula-iberica.html>. Acesso em: 5 out. 2019.

itálicos, à medida que o Império Romano se expandia conforme descreve Assis (2011, p. 119).

O estudo do latim vulgar pode ser feito de duas maneiras. Uma delas é a reconstrução linguística, isto é, da comparação entre as diferentes línguas românicas, observando-se as evoluções características de cada uma é possível reconstruir o étimo latino, ou seja, a forma original comum a todas elas. Outra maneira de conhecer o latim vulgar é através de algumas atestações escritas como os *graffiti* de Pompeia, cartas pessoais, correção das formas errôneas usuais pelos gramáticos (*Appendix Probi*); vulgarismos em obras de comediógrafos, por meio da retratação de personagens populares (*Satiricon*); inscrições em lousas confeccionadas por artistas plebeus; erros ocasionais dos próprios escritores cultos, principalmente dos últimos tempos (escritores da decadência romana, escritores pagãos).

Mesmo se tratando da mesma língua, há diferenças nas variedades clássica e vulgar do latim apresentadas na fonética, na morfologia, no léxico e na sintaxe e a presença de características de uma ou de outra variedade atesta a origem das línguas românicas. Vale ressaltar que algumas particularidades existiam também no latim clássico, mas se acentuaram no latim vulgar. Assim, o próximo tópico apresentará o Português no Brasil, levando em consideração a chegada de Portugal.

2. 4 O português no Brasil

A chegada de Pedro Álvares Cabral às costas do Brasil é datada em 22 de Abril de 1500, tomando posse em nome do rei D. Manuel de Portugal, mas a colonização só se inicia em 1532 com a atribuição das 15 capitanias hereditárias. Houve a colonização do litoral logo no início; a entrada para o interior se deu a partir da fundação de São Paulo. A LP transferida para o Brasil no século XVI foi aos poucos assumindo um aspecto característico em relação ao português de Portugal. Em consequência da grande extensão territorial, neste momento atual, o país apresenta diversidade quanto a dialetos regionais e diferenças urbano-rurais. No entanto, há uma concordância entre os estudiosos da língua portuguesa que a diferença linguística é mais evidente que a variação dialetal em função da classe social. Assim afirma Assis (2011, p. 148):

Esse é o pensamento de Teyssier (1994, p.79), que ressalta: “As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra.” Quando se comparam o dialeto padrão das classes média e alta com o dialeto popular de falantes das classes trabalhadoras e as de classe mais baixa em uma única cidade brasileira, percebe-se que são encontradas fortes diferenças nos níveis fonológico, sintático e lexical (Guy, 1995). Além disso, no Brasil, as classes trabalhadoras e a [população]rural e urbana de classes baixas que falam as variedades não padrão, isto é, o português popular do Brasil, formam a maioria, enquanto os falantes do padrão culto são minoria.

Diante disso, percebe-se através do falar de um homem culto e do vizinho analfabeto, em lugar estabelecido, que há uma grande diferença no modo de falar. Essa diferença também pode ser percebida se comparada com a maneira de falar entre dois brasileiros que possuem o mesmo nível cultural com origens de duas regiões afastadas. Quando há uma comparação de dialetos, é possível perceber distinções nos níveis fonológicos, sintático e morfológico. Com base nisso, os falantes do português popular formam a maioria no Brasil

A terra estava povoada de índios quando os portugueses chegaram no Brasil. Foram encontrados mais de um milhão de índios que apresentavam uma grande diversidade do ponto de vista linguístico, o que totalizaria aproximadamente 350 línguas diferentes. Com essa diversidade, o alvará do Marquês de Pombal proibia o uso da língua geral. Isso aconteceu em decorrência da visão dos portugueses sobre a língua. O que pode ser afirmado, segundo Assis (2011, p. 150), da seguinte maneira:

O alvará do Marquês de Pombal proibia o uso da língua geral, que passou a ser encarada pelos conquistadores como conquistadores como “invenção verdadeiramente abominável e diabólica”, e, ainda, decidia que tipos de penalidades deveriam ser aplicados aos que permanecessem falando a língua geral, penalidades que variavam de acordo com o grupo social a que pertenciam. As decisões do Diretório se aplicaram primeiro ao Pará e ao Maranhão e, em seguida, se estenderam, em 17 de agosto de 1758, a todo o Brasil. Com a expulsão dos jesuítas, em 1759, a língua geral perdia seus principais protetores.

Além das línguas gerais e das inúmeras línguas indígenas, o português concorreu com as línguas dos africanos de diferentes grupos étnicos, que foram trazidos desde o início ao Brasil. Nesse contexto, brancos e negros tiveram um

contato mais direto do que brancos e índios. Desse contato, avalia-se que aproximadamente 300 palavras africanas incorporaram ao léxico da língua portuguesa no Brasil. De acordo com Assis (2011), o uso dos falares africanos foi pouco a pouco perdendo terreno em consequência da expansão da língua portuguesa. Dessa maneira, ficando restrito aos domínios especializados, como os rituais religiosos, cânticos, danças populares. Com a diminuição da população negra provocada em parte pelo fim do contrabando de escravos e em outra, a alta taxa de mortalidade dos negros, face aos maus-tratos e doenças a que eram submetidos, a configuração étnica do Brasil começa a mudar. Em 1808, acontecem profundas mudanças políticas e sociais no Brasil e decorrência da chegada do príncipe regente.

A LP passa a prevalecer sobre na segunda metade do século XVIII. Diante disso, a literatura românica introduziu o registro de peculiaridades do português Brasil, objetivando independência na literatura. Com a busca por essa autonomia, passou-se a valorizar qualquer diferença em relação à Metrópole.

Diferentes teorias explicam o surgimento dessas particularidades que pode ser apresentado pelo português do Brasil. De acordo com alguns estudiosos, pode-se justificar as mudanças ocorridas pela origem dos primeiros colonos, ou seja, pela região de sua origem, distinguindo as semelhanças entre o português brasileiro e o português falado por habitantes do Sul de Portugal. De outro lado, há aqueles que mostram as diferenças como originadas dos índios ou dos escravos africanos. Há também os que consideram as mudanças decorrentes da deriva, ou seja, de tendências próprias ao sistema, e ainda os que apontam para uma conjunção de fatores. Assim, há aspectos conservadores e alguns na morfologia e na sintaxe nas quase houve uma classificação em duas categorias: uma pertence à língua normal e a outra pertencente ao registro vulgar.

O interesse pela história da LP e especialmente pelo português brasileiro, provocou o desenvolvimento de projetos, seminários, programas e pesquisas individuais e coletivas, a partir de orientações teóricas diversas, nas quais possuem preocupações centrais com a reescrita da HLP. Muitos estudiosos interessados em reconstruir a história da língua constataram que tanto a história do português brasileiro, quanto à história geral da LP ainda não foram concluídas.

Partindo desse pressuposto, o próximo capítulo tratará da apresentação do LD e de que forma sua abordagem com o ensino da LP, em especial com a Variação histórica, é realizada.

3. ANÁLISE DAS ABORDAGENS DA VARIAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO LIVRO DIDÁTICO

Neste capítulo, apresentamos o LD como objeto de ensino. Além disso, empreendemos uma análise da temática deste trabalho.

3.1 O livro didático como objeto de ensino

O termo LD, segundo Baldissera (*apud* OTA, 2009), no Brasil, apareceu pela primeira vez no Decreto-Lei no. 1006, de 30 de dezembro de 1938, Artigo 2º., Parágrafo 1º. Com a instituição oficial, esse recurso didático passou a adquirir feições peculiares ao longo do tempo na medida que ia atendendo a públicos, interesses, ideologias e contextos históricos distintos. Porém, com a chegada da expansão da educação no Brasil, o LD passa a assumir um papel principal na sala de aula em consequência das significativas transformações no sistema educacional, conforme uma nova clientela que adentra a escola.

O crescimento na demanda das classes populares pela educação, percebeu-se a ausência de professores dos quais os cursos rápidos de formação tentaram compensar, provocando uma formação profissional insatisfatória, resultado da falta de embasamento teórico, o que foi gerando a desvalorização do profissional da educação.

Em virtude disso, professores e professoras, que antes eram oriundos da elite e com acesso à leitura e aos bens culturais, agora passam a ser descendentes das camadas populares. É uma nova coletividade docentes e discentes que passam a adentrar o espaço da escola, constituindo uma outra realidade escolar que o sistema de ensino não está preparado para administrar.

Nesse contexto, o LD de LP é inserido, com a finalidade de atender a objetivos pedagógicos, buscando, pelo menos aparentemente, simular um discurso de adequação às mudanças de concepção pelas quais passa o ensino de língua, para continuar garantindo seu espaço na sala de aula.

A partir dessa reflexão, o LD abordado neste trabalho será o intitulado Português Linguagens dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, relacionado ao 6º ano do ensino fundamental II, exemplar do aluno.

3.2 Análise do livro didático do 6º Ano do Ensino Fundamental

No que se refere à sua estrutura, há quatro unidades que compõem o LD, dentre elas: No mundo da fantasia; Crianças; Descobrimo quem sou eu; Verde adoro ver-te. Nas quais, cada uma subdivide-se em três capítulos. Há uma composição que totaliza duzentas e setenta e duas (272) páginas. A seguir, algumas imagens foram utilizadas para apresentar como o livro dispõe de sua estrutura em unidades, capítulos e suas respectivas sessões. Isso é feito para proporcionar uma visão ampliada do livro analisado, levando também em consideração como são trabalhadas a leitura, a oralidade, a escrita e o reconhecimento linguístico.

Figura 4 - Capa do LD



Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Figura 5 – Sumário: Unidades 1 e 2 do LD

SUMÁRIO		UNIDADE 1 No mundo da fantasia	
CAPÍTULO 1		Era uma vez	
<i>As três penas, Jacob Grimm</i>		12	
Estudo do texto		14	
Compreensão e interpretação		14	
A linguagem do texto		16	
Cruzando linguagens		17	
Trocando ideias		19	
Produção de texto		19	
O conto maravilhoso		19	
A língua em foco		20	
Linguagem: ação e interação		22	
Linguagem verbal e linguagem não verbal		23	
Os interlocutores		23	
A língua		24	
A linguagem e os códigos		25	
O código linguístico na construção do texto		27	
Semântica e discurso		28	
De olho na escrita		29	
Forma e letra		29	
Divirta-se		31	
CAPÍTULO 2		Pato aqui, pato acolá	
<i>O patinho bonito, Marcelo Coelho</i>		32	
Estudo do texto		34	
Compreensão e interpretação		34	
A linguagem do texto		35	
Letra: expressão do texto		36	
Trocando ideias		36	
Ler é um prazer		37	
Produção de texto		38	
A língua em foco		39	
As variedades linguísticas		39	
Norma-padrão e variedades de prestígio		40	
Variação linguística e preconceito social		41	
Falar bem e falar adequadamente		41	
Tipos de variação linguística		42	
As variedades linguísticas na construção do texto		47	
Semântica e discurso		48	
Divirta-se		50	
CAPÍTULO 3		Ó príncesal Jogue-me suas...	
<i>Carlum, Mondillo</i>		51	
Produção de texto		53	
O conto maravilhoso: do oral para o escrito e do escrito para o oral		53	
Do oral para o escrito		53	
Do escrito para o oral		53	
Para escrever com expressividade		55	
O dicionário: palavra no contexto		55	
A língua em foco		59	
Texto, discurso, gêneros do discurso		59	
A intencionalidade discursiva		60	
Os textos e os gêneros do discurso		61	
A intencionalidade discursiva na construção do texto		63	
Semântica e discurso		65	
Divirta-se		65	
Passando o tempo		67	
INTERVALO:		Projeto: Histórias de hoje e sempre	
		71	
		UNIDADE 2	
		Crianças	
CAPÍTULO 1		O fazendeiro da cidade	
<i>Menino de cidade, Paulo Mendes Campos</i>		76	
Estudo do texto		78	
Compreensão e interpretação		78	
A linguagem do texto		79	
Letra: expressão do texto		80	
Cruzando linguagens		81	
Trocando ideias		82	
Ler é reflexivo		82	
Produção de texto		83	
História em quadrinhos II		83	
A língua em foco		91	
O substantivo		91	
Classificação dos substantivos		92	
O substantivo na construção do texto		96	
Semântica e discurso		97	
Divirta-se		98	

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Figura 6 – Sumário: Unidade 3 do LD

CAPÍTULO 2		Entre irmãos	
<i>A mula de Hans, Karen Levine</i>		99	
Estudo do texto		100	
Compreensão e interpretação		100	
A linguagem do texto		101	
Letra: expressão do texto		102	
Trocando ideias		107	
Produção de texto		107	
História em quadrinhos III		107	
A linguagem dos quadrinhos		107	
Para escrever com adequação		108	
O diálogo		108	
A língua em foco		111	
O adjetivo		111	
Classificação dos adjetivos		111	
O adjetivo na construção do texto		114	
Semântica e discurso		115	
De olho na escrita		116	
Digitação e encontro consonantal		116	
Divirta-se		118	
CAPÍTULO 3		Ensaio de vida	
<i>Cabra-cega, Giovanni Battista Torriglia</i>		119	
Produção de texto		120	
História em quadrinhos III		120	
Como se faz uma história em quadrinhos		120	
A língua em foco		123	
Flexão dos substantivos e dos adjetivos: gênero e número		123	
Flexão dos substantivos		124	
Flexão dos adjetivos		128	
A flexão dos substantivos e dos adjetivos na construção do texto		129	
Semântica e discurso		129	
De olho na escrita		130	
Encontros vocálicos		130	
Divirta-se		132	
Passando o tempo		133	
INTERVALO:		Projeto: Quadrinhos: eu também faço!	
		136	
		UNIDADE 3	
		Descobrinha quem sou eu	
CAPÍTULO 1		No frescor da inocência	
<i>Banhos de mar, Cláudia Lispector</i>		140	
Estudo do texto		142	
Compreensão e interpretação		142	
A linguagem do texto		144	
Letra: expressão do texto		144	
Trocando ideias		144	
Ler é divertido		144	
Produção de texto		145	
O relato pessoal		146	
A língua em foco		146	
O grau dos substantivos e dos adjetivos		148	
Grau dos substantivos		149	
Grau dos adjetivos		150	
O grau na construção do texto		152	
Semântica e discurso		153	
Divirta-se		154	
CAPÍTULO 2		O preço de pensar diferente	
<i>Eu sou Malala, Malala Yousofzai</i>		155	
Estudo do texto		157	
Compreensão e interpretação		157	
A linguagem do texto		158	
Cruzando linguagens		158	
Trocando ideias		159	
Produção de texto		160	
A carta pessoal		160	
O diário		162	
Para escrever com expressividade		166	
A descrição		166	
A língua em foco		169	
O artigo		170	
Flexão e classificação dos artigos		172	
O artigo na construção do texto		173	
Semântica e discurso		175	
De olho na escrita		175	
Divisão silábica		177	
Divirta-se		177	

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Figura 7 – Sumário – Unidade 4 do LD

CAPÍTULO 3 O eu que existe em mim			
Vestido de festa, Norman Rockwell			219
Produção de texto			219
Os gêneros digitais: e-mail, blog, textos instantâneos			219
O e-mail			219
O blog			220
O twitter			220
O comentário			220
A língua em foco			220
O numeral			220
Classificação dos numerais			221
Flexão dos numerais			221
O numeral na construção do texto			221
Semântica e discurso			221
De olho na escrita			222
Símbolo léxico e símbolo sintático			222
Palavras oxtonas, paroxítonas e proparoxítonas			222
Diálise-se			222
Passando o tempo			222
INTERVALO	Projeto: Eu também faço história		222
UNIDADE 4 Verde, adoro ver-te			
CAPÍTULO 1 Asas da liberdade?			
Fulim criou no dedo, Rubem Braga			202
Estudo do texto			204
Compreensão e interpretação			204
A linguagem do texto			205
Tecendo ideias			206
Produção de texto			206
O artigo de opinião			208
A língua em foco			209
O pronome			210
Os pronomes e a coesão textual			211
Classificação dos pronomes			210
O pronome na construção do texto			211
Semântica e discurso			211
De olho na escrita			212
Acentuação (I)			213
Acentuação das oxítonas e dos monossílabos tônicos			214
Acentuação das proparoxítonas			215
Diálise-se			215
CAPÍTULO 2 A natureza pede socorro			
A longa lista dos condenados, revista Veja			228
Quais são os animais ameaçados de extinção no Brasil, revista Época			227
Dados dos textos			229
Compreensão e interpretação			229
A linguagem dos textos			230
Cruzando línguas			231
Tecendo ideias			231
Produção de texto			232
Para escrever com coerência e coesão			233
A coerência e a coesão textual			233
A coerência textual			233
A coesão textual			234
A língua em foco			235
O verbo III			235
Conjugações			236
Flexão dos verbos			236
O verbo na construção do texto			237
Semântica e discurso			237
Diálise-se			237
CAPÍTULO 3 Natureza no museu			
Cartum, Márcio Costa			250
Lev e reflexão			250
Produção de texto			252
A exposição oral e o cartum			252
A exposição oral			252
O cartum			253
A língua em foco			254
O verbo II			254
Os tempos verbais			255
Modos de conjugação verbal			255
Semântica e discurso			256
De olho na escrita			256
Acentuação (II)			256
Diálise-se			256
Passando o tempo			257
INTERVALO	Projeto: Ter é mais ambiente, estar no meio		257
BIBLIOGRAFIA			272

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Diante do apresentado, a pesquisa é centralizada no conteúdo abordado na Unidade I – No mundo da fantasia, capítulo II – Pato aqui, pato acolá, da página 39 a 50. Isso porque essas páginas tratam das Variedades Linguísticas, da norma-padrão, da variação linguística e preconceito social e dos tipos de variação linguística.

É possível perceber que o LD destina pouquíssimas páginas para o trabalho com a variação linguística. Nessas páginas, observamos uma grande importância no trabalho com a gramática e com os gêneros textuais.

Figura 8 - Apresentação do Capítulo 2 do LD

CAPÍTULO 2 Pato aqui, pato acolá	
	O patinho bonito, Marcelo Coelho 32
	Estudo do texto 34
	Compreensão e interpretação 34
	A linguagem do texto 35
	Leitura expressiva do texto 36
	Trocando ideias 36
	Ler é um prazer 37
	Produção de texto 38
	A língua em foco 39
	As variedades linguísticas 39
	Norma-padrão e variedades de prestígio 40
	Variação linguística e preconceito social 41
	Falar bem é falar adequadamente 41
	Tipos de variação linguística 42
	As variedades linguísticas na construção do texto 47
	Semântica e discurso 49
	Divirta-se 50

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Na introdução do capítulo 2, temos o título, conforme a Figura 8 apresenta, A língua em foco acompanhada do subtítulo; As Variedades Linguísticas, que aborda a variação linguística. De início, através do gênero textual tirinha de Fernando Gonsales, encontra-se três personagens que realizam uma discussão. Seguidamente, há uma atividade interpretativa, conforme Figura 9, na qual alguma questões são propostas, objetivando a interpretação textual do aluno dentro do pequeno texto.

Figura 9 - A língua em foco / As variedades linguísticas



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 39).

Quanto à variação linguística, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1997), a LP, no Brasil, apresenta muitas variedades

dialetais. Isso pode ser identificado nas pessoas pela forma que falam por conta de fatores geográficos e sociais. Porém, há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar. Por exemplo, há quem considere as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. Para a Base Nacional Comum Curricular (2018, p.89), faz-se necessário reconhecer a língua como meio de construção de identidades de seus usuários e onde habitam, compreendendo a língua como um fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos nos quais é utilizada.

Com base no questionário, apresentado na Figura 10, as questões apresentadas orientam a interpretação e compreensão do texto, assim como a inferência do leitor quanto à ideia de distinção na utilização da língua portuguesa. Por fim, na quarta questão, há uma interação entre o discente e o docente a partir da reflexão quanto ao modo de falar “certo ou errado”. Diante disso, algumas questões são levantadas sobre o modo de falar e de que forma isso influencia na construção pessoal de um sujeito. Para tanto, pensando nas consequências advindas de situações que ocorrem preconceito linguístico.

Figura 10 – Questões apresentadas

1. O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.
 - a) Que palavras causam estranhamento à mulher?
 - b) Como provavelmente ela diria essas palavras?
2. Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?
3. No 2º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.
 - a) Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio?
 - b) A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que a fala dele revela?
4. Os modos de uso da língua frequentemente geram preconceitos, isto é, podem levar as pessoas a ser julgadas positiva ou negativamente. Considerando a situação em que o papagaio aprendeu a falar, responda: Que outra razão pode ter levado a mulher a querer devolver o papagaio?

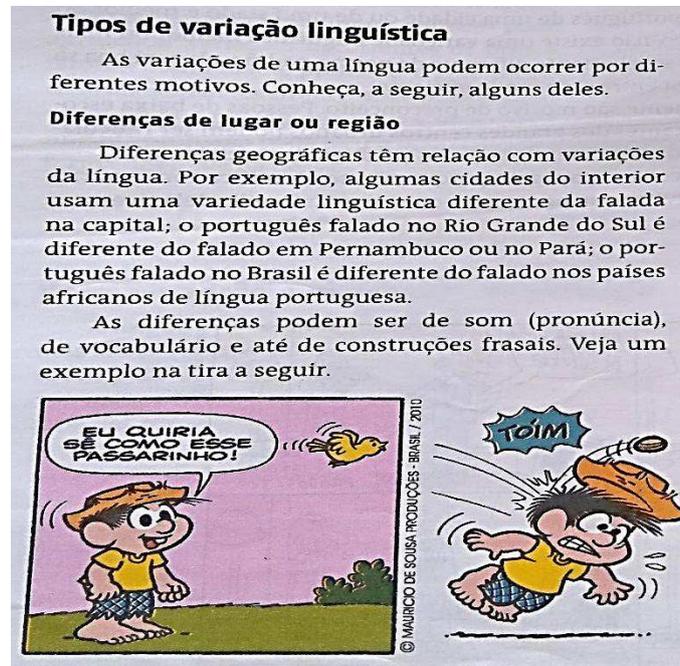
Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 39-40).

A partir disso, compreende-se que o objetivo da atividade é apenas de chamar atenção para o “certo” e “errado”, deixando de lado a explicação que poderia ser feita explanar o porquê do papagaio ter esse modo de falar, observado através da troca do L pelo R.

Partindo dessa reflexão, percebe-se que se faz necessário a concepção da Variação Histórica. Para tal, o professor deve estar preparado e possuir um conhecimento prévio da HLP. Dessa maneira, compreender que a língua não é imutável. Ela pode sofrer variações com tempo por contas de influências do contexto histórico e social em conformidade à época. Assim como, explicitar o processo de troca do L pelo R. esse processo é chamado de Rotacismo e pode ocorrer em diversas regiões.

Em seguida, os autores apresentam a conceituação de Variedades Linguísticas. De acordo com Cereja e Cochar (2015, p. 40), “as variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada”. Diante disso, os autores realizam uma explicitação sobre o tema abordado. A língua está sempre em constante mudança, tendo por influência alguns fatores como: o tempo, região, condições de grau de monitoramento, escolaridade, classe social e cultura. Esse poderia ser um ponto positivo, pois leva o leitor a ser pesquisador e verificar melhor de que forma essas variações acontecem detalhadamente. Para tanto, o leitor também tem a possibilidade de compreender essas variações a partir de experiências de mundo. Consequentemente, realizando essa compreensão dentro do texto trabalhado.

Mais adiante, na página 42, conforme a Figura 11 apresenta, os autores abordam os tipos de variação linguística. Percebe-se que eles chamam atenção para as diferenças de região, de escolaridade e classe social, oralidade e escrita, a formalidade e informalidade e a gíria. Observa-se que, a partir da tirinha, isso não é suficiente para a compreensão do tema abordado. Diante disso, o docente necessita buscar outras fontes para exemplificar e explicitar melhor a temática. Além disso, para melhor assimilar o conteúdo, o docente deve estar preparado com base em outras pesquisas.

Figura 11 – Tipos de variação linguística

Fonte: Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 42).

A partir do exposto, percebe-se que as atividades apresentadas não são suficientes para compreensão de alguns conteúdos abordados no LD. Além disso, não realizam um abordagem contextualizada de alguns fatores históricos que influenciaram na variação da língua como: a origem da LP, sua chegada ao Brasil e quais suas mudanças após isso. Apesar do LD ser praticamente utilizado como único material para o ensinoaprendizagem, se faz necessário a busca em outras fontes. Isso porque el não é suficiente para tratar da resolução de algumas questões que possam surgir no percurso de sua utilização. Não apenas no ensino da variação histórica, como a variação linguística e, conseqüentemente, outros conteúdos abordados.

A partir dessa reflexão, observamos que há uma preocupação das atividades analisadas em rotular o que seria certo ou errado na LP. Isso é compreendido, principalmente, na maneira de trabalhar com alguns gêneros textuais. Esses são empregados apenas como forma de leitura interpretativa, não abordando suficientemente os conteúdos da variação linguística. Dito isso, para preencher as

entrelinhas, outras fontes de pesquisas devem utilizadas. Para isso, propomos algumas sugestões que podem ser trabalhadas em sala de aula.

O conteúdo pode ser trabalhado em quatro momentos. No primeiro, apresenta-se o contexto HLP, levando em consideração sua origem a partir do Latim. Seguidamente, no segundo momento, demonstra-se a formação do português de Portugal e sua chegada ao Brasil. No terceiro momento, aborda-se os conteúdos apresentados no LD com base nos conhecimentos até então compreendidos. Para o quarto momento, pode-se utiliza da seguinte atividade a partir da leitura interpretativa de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade (1979, p. 1411-1413):

MODOS DE XINGAR

- BILTRE!- O que?
- Biltre! Sacripanta!
- Traduz isso para o português.
- Traduzo coisa nenhuma. Além do mais, charro! Onagro!

Parei para escutar. As palavras jorravam de um *Ford* de bigode. Quem as proferia era um senhor idoso, terno escuro, fisionomia respeitável, alterada pela indignação. Quem as recebia era um garotão de camisa esporte, dentes clarinhos emergindo da floresta capilar, no interior de um fusca. Desses casos de toda hora: o fusca bateu no *Ford*. Discussão. Bate-boca. O velho usava o repertório de xingamento de seu tempo e de sua condição: professor, quem sabe? Leitor de Camilo Castelo Branco. Os velhos xingamento. Pessoas havia que se recusavam a usar o trivial das ruas e botequins, e iam pedir a Rui Barbosa, aos mestres da língua, expressões que castigassem fortemente o adversário. Esse material seletivo vinha esmaltar artigos de polêmica (polemizava-se muito, nos jornais do começo do século), discursos políticos (nos intervalos de estado de sítio, é lógico) e um pouco os incidentes de calçada.

Vocabulário:

Biltre 1. Que é dado a praticar vilezas; CANALHA; INFAME 2. Indivíduo vil, desprezível

Sacripanta 1. Pessoa desonesta, desprezível, m. que sacripanta: "... não se vai ver mais um qualquer chefe encomendar para as eleições as turmas de sacripantes..." (Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas)

Charro 1. Diz-se do que é desprovido de qualquer finura, refinamento; BRONCO; GROSSEIRO; RUDE; TOSCO.

Onagro 1. Jumento selvagem (*Equus onager*), nativo dos desertos da Ásia. 2. Mil. Antiga máquina de guerra, us. por gregos e romanos, para lançar projéteis de pedra 3. Burro, jumento.

Após a leitura da crônica, deve-se analisar o estranhamento resultante da utilização de alguns vocábulos que não são mais empregados atualmente. Essa atividade objetiva compreender a variação de alguns vocábulos com o decorrer do tempo. Para tanto, é preciso recorrer aos conhecimentos apreendidos com a apresentação da contextualização histórica da LP e, conseqüentemente, interagir na situação dos quais os discentes passam a ser pesquisadores. Para isso, algumas perguntas podem ser realizadas, como a identificação de vocábulos que são desconhecidos em seu léxico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do LD, podemos observar um enriquecimento de conhecimentos advindo dos estudos da origem da língua latina, passando pela chegada dos romanos à PI. Esses estudos promovem uma discussão acerca das variações linguísticas que surgiram ao longo do tempo nessa língua, modificando-a. Além disso, tratamos da chegada dos portugueses ao Brasil e como a LP foi estabelecida. Assim, realizamos algumas considerações com relação à abordagem da variação HLP. Consequentemente, percebeu-se a existência de algumas lacunas que podem ser compreendidas a partir da concepção da variação histórica com base na HLP. Conhecimento esse apreendido com os estudos do Latim, das mudanças da língua no decorrer do tempo, da chegada de Portugal ao Brasil e da utilização do LD como fonte para o ensino da LP.

Diante disso, observa-se que se faz necessário a busca por outras fontes para o ensino/aprendizagem, uma vez que a abordagem apresentada pelo LD é limitada. A partir dessas outras fontes, pode-se realizar a discussão sobre as variações da língua com o decorrer do tempo. Variações, essas, percebidas em qualquer situação do nosso cotidiano. Nesse contexto, o docente, enquanto pesquisador, precisa estar sempre realizando estudos em fontes que vão além do LD. Dessa forma, desenvolvendo novas metodologias de ensino/aprendizagem e promovendo uma melhor concepção no ensino da LP. Para tanto, algumas propostas de atividades podem ser utilizadas, levando em consideração a abordagem dos gêneros textuais com o objetivo de compreender o tema abordado e não apenas a leitura interpretativa. Além disso, não realizar um trabalho apenas para rotular o que é certo ou errado na LP, mas reconhecer as mudanças que uma língua pode apresentar.

Este trabalho não está concluído. Diante disso, a pesquisa pode ser continuada a partir da análise da abordagem da 2ª conjugação do verbo no livro didático do 6º ano de Língua Portuguesa. Dessa forma, esperamos que este trabalho possa contribuir tanto para o âmbito acadêmico quanto para a sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Modos de xingar**, In, Poesia e prosa. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 1411-1413. Disponível em:

ASSIS, M. C. de. **História da Língua Portuguesa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. Disponível em:
<http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf>. Acesso em: 27 set. 2019.

BAGNO, M. **Gramática Histórica do latim ao português brasileiro**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 26.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

COUTINHO, I. S. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1976.

OTA, Ivete Aparecida da Silva. **O livro didático de língua portuguesa no Brasil**. Paraná, Brasil. Universidade Federal do Paraná. Educar em Revista, núm. 35, 2009, pp. 211-221.